

HB
eventos
2020

SIIMI/2020

VI Simpósio Internacional de
Mídia em Mídias Interativas
VI Simpósio Internacional de
Inovação em Mídias Interativas
VI International Symposium on
Innovation in Interactive Media

#19.ART

Encontro Internacional de Arte, Ciência e Tecnologia
International Meeting of Art, Science and Technology

RETINA

dat
DESIGN
ART AND
TECHNOLOGY

ANAIS #19.ART / 2020

E56 Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (19. : 2020 : Brasília).

Anais do 19 Encontro Internacional de Arte e Tecnologia (#19.ART) : emaranhamentos [recurso eletrônico] / organização: Antenor Ferreira Corrêa ... [et al.]. – Brasília : Universidade de Brasília, 2020.

Modo de acesso: World Wide Web:

<<https://art.medialab.ufg.br/>>

ISBN 978-65-86503-24-1 (e-book)

ISSN 2238-0272

1. Arte e tecnologia. I. Corrêa, Antenor Ferreira (org.). II. Título.

CDU 7:62

Você lê o contexto?

Do you read the context?

Ana Mae Barbosa

Resumo:

Podemos dizer que aquilo que distingue a arte educação modernista da arte educação pós-moderna é o lugar dado a leitura da produção artística visual dos outros quer estes outros sejam artistas, designers, artesãos, publicitários, videastas, produtores de lives, blogueiros, interneteiros, etc. Falo de uma leitura que não é apenas temática nem formal em termos de linha, cor, espaço, etc. mas de uma leitura interpretativa, crítica, contextualizadora. A Contextualização é a porta aberta para a interdisciplinaridade e para a leitura do social. Por que foi excluída da BNCC?

Palavras chave: Leitura de imagem; Abordagem Triangular; Ver; Fazer; Contextualizar

Summary:

We can say that what distinguishes the modernist art education from the postmodern art education is the place given to the reading of the visual artistic production of others whether these others are artists, designers, artisans, publicists, video makers, producers of lives, bloggers, internet workers, etc. I speak of a reading that is not just thematic or formal in terms of line, color, space, etc. but an interpretive, critical, contextualizing reading. Contextualization is the open door to interdisciplinarity and to the reading of the social. Why was it excluded from the BNCC?

Image reading; Triangular Approach; To See; To Make ; To Contextualize

Se pretendemos educar para uma leitura do mundo, como dizia Paulo Freire, seria preciso considerar de igual importância a Leitura Verbal e a Leitura de Imagens.

A leitura tem sido enfatizada na educação contemporânea por todas as correntes pedagógicas e muito especialmente pela Pedagogia Crítica e pela Pedagogia Cultural. Falamos da leitura de palavras, textos, livros e também da leitura de gestos, ações, necessidades, desejos, expectativas e imagens.

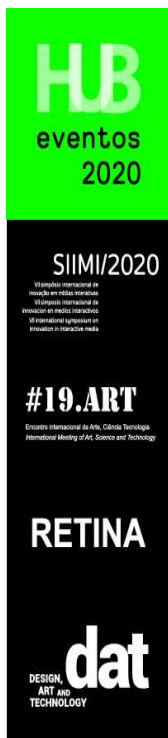
Este princípio de leitura cultural independentemente da linguagem e do código, hoje, com muita influência de Paulo Freire, tem orientado o melhor da produção de dissertações e teses sobre Ensino de Arte no Brasil.

A leitura como identificação cultural, como necessidade de reconhecimento de si próprio e de construção da realidade na qual estamos inseridos é o centro da educação que se pretende desenvolver não só através das palavras, mas também através da imagem.

Contemporaneamente, na educação para/pelas Artes Visuais a leitura da imagem é tão importante quanto o fazer artístico.

Podemos dizer que aquilo que distingue a arte educação modernista da arte educação pós-moderna é o lugar dado a leitura da produção artística visual dos outros quer estes outros sejam artistas, artesãos, publicitários, videastas, produtores de lives, blogueiros, interneteiros, etc.

As hierarquias entre produtores estéticos foram desmontadas mas o julgamento de valor de cada obra, independente de categorização foi agudizado pela insistência na leitura da imagem.



Falo de uma leitura que não é apenas formal em termos de linha, cor, espaço, etc. mas de uma leitura interpretativa, crítica, contextualizadora.

Leitura de livros e de imagens é decodificação e atribuição de significado para cuja construção participam interligadamente objeto e leitor numa ação designada por Derrida como “subjectil”, a qual transforma o leitor em um recriador do autor.

Leitura é deleite e construção de conhecimento.

Educar para ler imagens e livros é garantia de sucesso de aprendizagem, de instigação dos sentidos e de ampliação da inteligência do espectador/leitor. Durante quase vinte anos pesquisei leituras de imagens com crianças, jovens, adultos com cursos superiores e adultos com apenas cursos primários em diferentes contextos como escola pública, escola particular, museus e até com crianças morando no mesmo prédio, vivendo num mesmo espaço, porém particularizado pelo uso e interferência de cada família. Sistematizei uma Abordagem apelidada de Triangular pelos pesquisadores que comigo trabalhavam. Esta abordagem tem sido apropriada diferentemente por diferentes pesquisadores e professores em diversas áreas. Em vez de descrevê-la com minhas palavras prefiro usar um quadro sinopse que encontrei citado em uma dissertação sobre Ensino das Ciências defendida em 2020. Nunca nem sequer imaginei a Abordagem Triangular usada no Ensino das Ciências. Já li muitos trabalhos baseados na Abordagem Triangular em Teatro, Música, Cinema e Dança. A vantagem desta Abordagem é que não é composta por disciplinas, mas por processos mentais como tradução de imagem mental em imagem materializada, processos de descrição, análise e interpretação e processos de identificação e comparação cultural entre tempos, espaços e modos de vida diferentes.

Quadro 5 - Proposta Triangular para o Ensino da Arte, de Ana Mae Barbosa (2007).

Eixos Norteadores	Descrição
Contextualização	Contextualização da obra de arte. Conhecer/analisar a história da obra e o contexto de sua produção, bem como o artista e época em que foi produzida, relacionando-a com o contexto atual, pensando a obra de arte de uma forma mais ampla, para, conseqüentemente, ampliar o conhecimento em arte.
Leitura da Obra de arte/ Apreciação	Apreciação, percepção, sensibilização, leitura de imagem por meio da gramática visual. Conhecer os elementos visuais da obra, para descobrir e discutir questões que ela revela. Conhecer a obra e compará-la com obras e artistas de outras épocas ou não, interpretando-a subjetivamente.
Fazer artístico	Momento de criação, produção, de representação e expressão artística. A obra observada é uma boa referência para estimular o indivíduo a criar artisticamente, experimentando diferentes linguagens, sem que seja uma cópia ou modelo estereotipado da obra observada. Deve-se preservar a criatividade e a livre expressão na criação de uma nova obra.

Fonte: Araujo e Oliveira (2013, p. 74)

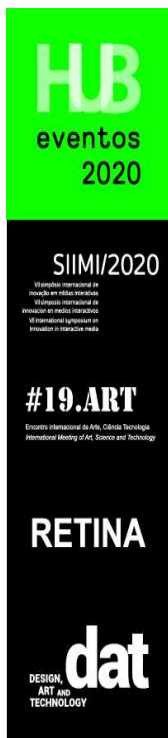
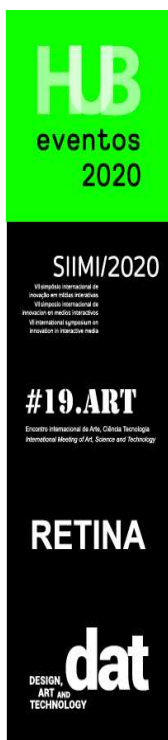


Figura 1. Quadro retirado de DUARTE, Sanny Carla. *Estratégias de leitura de obra pictórica e de gráfico para o ensino de ciências nos anos finais do ensino fundamental.* 2020. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2020, página 43. Disponível em <http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/4933>

A contextualização é talvez o mais pervasivo processo deflagrado pela Abordagem Triangular. Está referenciado a leitura da obra ou do campo de sentido da Arte e também ao fazer. Mal se falava em Contextualização na Pedagogia quando em 1983 começamos a trabalhar com sua explicitação.

Todas as disciplinas, todo o conhecimento humano categorizado pode ser movimentado no processo de contextualização desde a Matemática, Ciências, Antropologia, História, Sociologia, etc. Enfim, a obra convida o espaço ao redor as circunstâncias de várias naturezas e a curiosidade do sujeito para colaborar no entendimento da imagem que analiso e na imagem que produzo. A Contextualização é a porta aberta para a interdisciplinaridade e para a leitura do social. Como vocês sabem, a BNCC é produto da condução ideológica da direita inteligente mas mal intencionada, reunida em instituições privadas aliadas ao MEC com a intenção de fazer da escola pública lugar de formação de trabalhadores eficientes e defensores do status quo, embora mal pagos. Arditamente retiraram da proposta para as Artes a Contextualização para evitar o envolvimento com o social, para que não continuemos a despertar as consciências para as desigualdades e para nos alienar e continuarmos a defender os interesses dos ricos e poderosos de sempre. Eliminaram a Contextualização no ensino das Artes e mantiveram o Fazer Arte e a Leitura da obra de Arte, ou da imagem que agora passa se chamar *Apreciação* ou *fruição*, igual a “Deleite-se mas não pense”. As Artes voltarão a ser apenas uma hora de descanso na Escola? Comecei as pesquisas para a Abordagem Triangular (1983) pensando em apreciação, mas o termo contém implicitamente a ideia de aprovação. O que significo quando digo: -Eu aprecio muito você? Estou implicitamente dizendo que eu lhe admiro. Percebi que “apreciação” poderia levar a discursos de convencimento sobre qualidade da obra ou imagem, uma espécie de cooptação para você gostar do que eu gosto (ARIAS, 2020) e passei a me referir a leitura. Mas o professor pode escolher a abordagem metodológica para a leitura que quiser, aquela com a qual se sentir identificado teoricamente, ou seja, mais bem preparado. Pode se basear em Semiótica, Teoria da Gestalt, Iconologia, Estética da Recepção, etc. Tenho ótimas experiências usando a descomplicada Estética Empírica, pois possibilita um diálogo mais íntimo e não mediado por teorias entre sujeito e objeto. No caso da Estética Empírica, a teoria é a consciência da prática e quanto mais prática de leitura de imagens uma pessoa tiver, mais aprofunda e diversifica a produção de sentidos.

Quando fui professora da The Ohio State University trabalhei com Michael Parsons, o primeiro pesquisador a analisar o desenvolvimento da capacidade de leitura de imagens de crianças e adultos. Ele chegou à conclusão de que uma criança até seis anos mais ou menos e um adulto,



embora com curso universitário mas sem nenhuma experiência em ler imagens estarão provavelmente na mesma fase de interpretação de imagens. Pude comprovar isto numa pesquisa que fiz em 2001 com a coordenação do Dr. José Minerini Neto e as alunas na época Raquel Palaia e Tatiana Prado com os passantes na Estação Sumaré do Metrô de São Paulo sobre a recepção da obra pública de Alex Flemming lá instalada. A partir das etapas do desenvolvimento para a leitura da obra de Arte detectadas por Parsons associada a de Abigail Housen e aos estudos sobre cognição de Piaget, pudemos sistematizar a escalada das interpretações do público (no fim do texto o esquema do desenvolvimento da leitura de imagens).



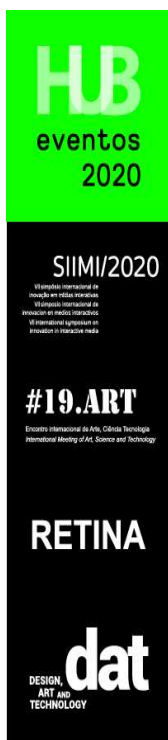
Figura 2. Estação Sumaré de Metrô, São Paulo (1998). Fonte: Acervo do artista Alex Flemming.

A pergunta deflagradora era a mais genérica possível: O que você está vendo aí?

Uma geógrafa com curso superior disse: “Pessoas né, me parece que foram funcionários da época da obra do Metrô, pessoas que construíram o Metrô ou estavam de alguma forma vinculadas, foi o que me disseram. Fiquei curiosa de ver, achei muito legal. Ficou legal, uma coisa até um pouco jornalística, bem legal, acho que a arte não tem muita fronteira né, acho que se emplacar alguma coisa é bom... Uma vez eu fiquei num hotel em Salvador que tinha um painel mostrando quem tinha trabalhado na obra com todas as fotos durante a obra, muito legal, então acho que de repente é uma coisa legal”. (38 anos)

Ela não leu a imagem, narrou uma história tirada de sua experiência, ela teve que introjetar a imagem e submetê-la ao seu imaginário. Está na fase inicial, a fase narrativa, intra-objetal da mesma maneira que uma mulher empregada doméstica, sem curso superior que disse:

“Vi os rostos, mas não identifiquei ninguém. Tem um rosto que eu imagino que é do meu patrão, porque eu acho a fisionomia parecida. Eu gostei, não sou assim... culta né, não tenho cultura nenhuma mas eu gostei..... mesmo se eu não identificasse ninguém eu ia ficar olhando, tem uma ali que parece o Marcelinho [*Carioca, jogador de futebol*], tem uma... vejo e fico imaginando as pessoas. Todos os dias eu olho”. (45 anos)



Sua colega quase da mesma idade, empregada doméstica também na fase narrativa, intra-objetal na qual a percepção da imagem é alibi para imaginação ou base para a tentativa de associação com a representação realística de figuras e objetos, respondeu:

“Legal, é diferente, de todas as estações é o mais diferente. Não sei... só sei que no dia da inauguração algumas pessoas que passaram eles pegaram para tirar foto. Eu fiquei sabendo isso. Para quem está aqui esperando o Metrô, pensando nos problemas... distrai. Você analisa, quer entender, ler o que está escrito ali... sei lá. Tem uma que parece comigo, aquela uma moreninha bem escurinha, ali no canto”. (42 anos)

Um Designer Social de 19 anos foi classificável na primeira fase não por ser contra narrativo, mas porque não leu a imagem e inventou uma outra narrativa por acaso alheia à conscientização social que deveria ser um foco de sua profissão:

“Achei legal, uma coisa diferente que os caras fizeram, colocar imagem de pessoas, mas acho que os caras deveriam assim... sei lá colocar assim tipo por exemplo uma imagem de Gandhi ali tá ligado, de Bob Marley, umas pessoas assim que signifiquem alguma coisa pra gente assim que eles colocaram pessoas que a gente não conhece que não têm espaço assim na mídia de alguma forma não significam nada”. (19 anos designer social (sic).)

Já um jovem ajudante de cozinha deu uma resposta que pode corresponder a segunda etapa da apreensão da imagem, na qual há a percepção de estrutura, embora desconhecida e atribuição de significação Inter-objetal, interesse na formatação do objeto, inter-relação, enfim o objeto é visto fora da experiência do sujeito mas ainda persiste a subordinação a ela.

Eis a resposta do jovem de 27 anos:

“Uma pá de pessoas. Pessoas comuns do dia-a-dia, uma pessoa de terno, uma pessoa com roupa comum, uma pessoa indo pro serviço, indo pra escola... Não tenho nenhuma opinião feita sobre isso aí não, acho diferente, pelo menos não é que nem os outros lugares que fica tudo parado, pelo menos é uma forma diferente de mostrar nós que comandamos este país, né. Sem contar que o artista ele mostra a cara do país; se alguém for conhecer nosso país fora do Brasil não vai um de nós lá mostrar, quem vai é um artista, e pra ele mostrar a cara do país ele tem que mostrar o povo do país”.

Um vendedor de feira respondeu:

“Vi a miscigenação de pessoas, uns brancos, japonês, negros... uma miscigenação de pessoas, é isso que eu vi. Acho uma técnica, não conheço, uma técnica bonita não tinha visto ainda uma técnica assim mas... de representativo seria o povo brasileiro... Miscigenação. Muito importante, é a sensibilidade do artista com o seu povo”. (47 anos)

Esta última resposta também é classificável na segunda etapa, a intra-objetal que inclui respostas sobre Estrutura e Expressão, pois considera embora não conheça o problema da técnica.

Quando as pessoas se interessavam, a conversa com os pesquisadores se alongava e estas pessoas em geral já estavam na etapa trans-objetal que é a analítica ou judicativa. A relação sujeito-objeto

é ultrapassada, vai além da experiência passada e da mera aparência do objeto. Segue-se um exemplo de uma entrevista mais longa:

1- Você viu as imagens que estão nos vidros da estação do metrô?

É do Ian Flemming.

Alex Flemming...

Alex Flemming.

2. Me explique o que você viu?

O que eu vejo, as pessoas que circulam pela cidade, que... são pessoas comuns... como todo mundo, como você, como eu. E que são pessoas como todo mundo. Tentando se encontrar, encontrar alguém.

3. O que você achou sobre o que viu?

Maravilhoso. Porque ela mostra toda a humanidade que existe... Até nessa coisa do trem, né... da população, das pessoas que vão para o trabalho, vão passear, enfim. Extremamente humano, isso. Muito delicado, muito verdadeiro. Pra mim a estação mais bonita do metrô é essa. Porque o metrô tá todo para fora, e essa coisa do vidro, te permite ver além... você até enxerga um pouquinho do horizonte, lá do lado do Pacaembu. Então é isso que faz a beleza da coisa. Você pode ver que são pessoas desconhecidas e que ao mesmo tempo, você encontra toda hora. Pessoas normais, comuns. E as letras também, a coisa do significado, da linguagem, da comunicação. Às vezes da não-comunicação, porque você não consegue ler uma palavra inteira, né. Então, essa coisa do confuso, do encontro das pessoas. O que eu observo, assim, no metrô... uma pessoa que eu encontrei hoje, provavelmente eu nunca mais vou ver na minha vida. Mas outro dia a porta abriu e eu vi uma pessoa... Então, é uma coisa assim até divertida, interessante, bonita.

4. É importante uma obra de arte falar sobre esse assunto?

Não é importante, é fundamental. E como o artista enxerga dois dedos mais pra frente, ele percebe melhor isso daí, né. Ele vive nesse mundo. Esse mundo paralelo, que não é todo mundo que enxerga, né. Mesmo as pessoas que tomam o trem, sei lá quantas observam, param para olhar, que estão na estação (**as pessoas**), Uma coisa que elas usam, elas estão dentro, e às vezes estão tão ocupadas com as coisas exteriores, com os problemas, com a vida, com a sobrevivência e tudo o mais, e não param para olhar, mas... muita gente percebe, viu. E muita gente não gosta, viu. Não gosta, fala “que coisa horrível, que gente feia”. Então, se você tiver, o primeiro olhar, realmente você faz: “Nossa, mas que coisa esquisita”. Mas daí a gente não pode parar nesse primeiro olhar, né. Você tem que ir pra segunda, terceira, quarta, quinta leitura, sei lá quantas





leituras. Então, é assim que eu vejo. A estação do metrô que é toda essa aglomeração, essa boiada que passa, já ao mesmo tempo tem as individualidades, né. Essas coisas. Por exemplo, os rapazes que estão trabalhando aí. Quantas pessoas param para se perguntar como foi a vida daquele moço hoje: O que será que ele fez. Então é uma outra maneira de olhar. Uma outra maneira de ver. Se alguém vê uma pessoa doente, diz: “ ah coitado do doente”, mas ninguém pensa naquele que tá cuidando do doente, né. Você tem que desfocar o olhar para ter um olhar mais abrangente, mais global, essas coisas. Até você, fazendo essa entrevista aqui, é uma coisa maravilhosa. Se tivesse mais gente...

5. Você passa aqui todo dia?

Não. Terça-feira, certeza. Terça-feira eu passo. E eventualmente em outro dia. Agora, tudo o que eu puder fazer de metrô eu faço. Vou ao cinema, vou passear, se puder tomar metrô, é melhor, acho assim, uma benção, né. E o metrô de São Paulo é muito limpo, é muito organizado. Eu moro aqui perto. Da minha janela, eu vejo a hora que abre a porta. Então, é um contato com a coisa. Parece que abre as cinco horas. Às vezes, eu levanto mais cedo, já tem gente abrindo, já tem um dentro do trem que tá dirigindo, já tem um indo para o trabalho. Então, você fica imaginando a vida das pessoas. É interessante. Eu tô aqui tomando meu café... e esse povo tá todo... É a vida...o fluxo da vida. Essa coisa do trem, mesmo...Vai pra lá, vai pra cá...

6. Idade e profissão.

Sou professora aposentada (Ed. Artística). Tenho 58 anos.

Enquanto em quarentena e escrevendo este texto, vi na internet a intervenção bem humorada e didática que Flemming fez na instalação da estação de metrô Sumaré, a qual ganhou máscaras de proteção contra o Corona Vírus. Que vontade me deu de voltar a convidar o grupo de pesquisadores de 20 anos atrás para entrevistar agora os frequentadores da Estação Sumaré. O contexto é outro e o contexto interfere no processo de significação, da mesma maneira que uma intervenção, por menor que seja, pode mudar a interpretação da obra e até torná-la outra obra.



Figura 3. Intervenção feita pelo artista Alex Flemming na sua instalação da Estação Sumaré de Metrô durante a epidemia do Corona Virus ,2020. A segunda figura é a foto do próprio. Disponível em <https://www.diariozonanorte.com.br/metro-coloca-mascaras-nos-retratos-artisticos-da-estacao-sumare-para-alertar-sobre-a-prevencao-a-covid-19/>

Até então eu falei de leituras verbais sobre a imagem, mas há também o processo de leitura de imagens através de imagens que pode ser celebrativa, crítica ou simples citação ou leitura resignificadora, reorganizadora e reelaboradora, processo de desconstrução e reconstrução

Indubitavelmente, diferentes contextos e diferentes metodologias provocam leituras muito diversas. O debate as vezes resvala para o preconceito do modernismo contra a narrativa, que é ao mesmo tempo fase inicial da percepção de imagens e metodologia analítica. Cada época com o seu preconceito. No pós-modernismo o preconceito foi contra o formalismo, embora aspectos formais continuem sendo importantes para a construção de significações.

O contextualismo é um dos processos determinantes na leitura de imagens.

Se o trabalho de leitura de imagens da Arte feita através de imagem por especialistas em Arte é intrigante, também o é a leitura gráfica, plástica, escultórica ou digital das imagens feita pelas crianças. Outras variáveis intervêm como o desenvolvimento da expressão plástica e gráfica da criança e também do desenvolvimento da percepção da imagem

Estou preparando um estudo mais longo da amalgama que tenho feito entre os estudos de Parsons, Housen e Piaget Por enquanto trabalho com a sistematização abaixo :

Determinar etapas do desenvolvimento em relação à idade não é parte da pesquisa, mas somente saber como vão se acumulando camadas de interpretação das imagens.

Desenvolvimento da percepção da imagem



1º Percepção narrativa
 2º Percepção de estrutura
 3º Percepção de expressão
 4º Percepção analítica e/ou
 judicativa

1ª Fase
 intra objetual - psicogenética
 (sensório motor) ação do sujeito
 imaginário

2ª Fase
 inter objetual - formação do
 (operatório-concreto) objeto,
 classificação,
 interrelação

3ª Fase
 trans objetual - pensa além da
 ação e além dos
 objetos - juízo -
 proposição

]

Bibliografia

- ARIAS, Nayeli Zepeda Compartilhar la mesa. Diseño centrado en personas para recursos museográficos educativos DAT Journal. Vol. 5, No 2, 2020 pág. 129 à 139.
- DUARTE, Sanny Carla. Estratégias de leitura de obra pictórica e de gráfico para o ensino de ciências nos anos finais do Ensino Fundamental. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciência e Tecnologia) - Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciência e Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Ponta Grossa, 2020.
- HOUSEN, Abigail. The eye of the beholder: measuring aesthetic development. Tese de doutorado Harvard Graduate School of Education, 1983.
- PARSONS, Michael. Compreender a arte. Lisboa: Editorial Presença, 1992.